

Conselhos a apologistas cristãos europeus

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

Resumo

Conselhos a apologistas cristãos europeus iniciantes.

Em 1983, quando Alvin Plantinga proferiu sua aula inaugural na cátedra John O'Brien de filosofia, na Universidade de Notre Dame, ele escolheu como tema "Conselhos aos filósofos cristãos". Hoje escolhi como meu assunto o tema relacionado, mas um pouco mais limitado: "Conselhos a apologistas cristãos", mais especificamente apologistas cristãos *europeus*.

Pois bem, alguns de vocês podem estar pensando: "Quem é você, um americano, para nos dar conselhos?". Plantinga deparou com uma pergunta semelhante e forneceu a melhor forma de lidar com ela. Ele respondeu: "Boa pergunta. Pretendo enfrentá-la como alguém corretamente deveria enfrentar boas perguntas para as quais não se sabe a resposta: eu vou ignorá-la". E eu também o farei. Só quero lhes assegurar que os conselhos que pretendo dar, embora direcionados, brotam de um profundo senso de responsabilidade pela Europa e que estou unido com vocês na nossa tarefa em comum.

É parte do objetivo deste congresso despertar um movimento de apologética cristã na Europa, tendo em vista recuperar território intelectual perdido para Cristo, para remodelar a vida intelectual europeia de forma a tornar a *Weltanschauung* cristã uma alternativa intelectual viável para os homens e mulheres europeus educados de hoje. A tarefa é difícil — na verdade, assustadora; alguns podem até dizer que ela é impossível. Mas já que servimos a um Deus para quem nada é impossível (Mt 19.26) e já que esta é a visão que nos inspira e esta é a tarefa colocada diante de nós, qual é a melhor maneira de abordá-la?

Antes de conseguirmos responder a esta pergunta, precisamos ter alguma noção do desafio que enfrentamos. Em geral, a cultura europeia é profundamente pós-cristã. É o produto do iluminismo, que introduziu na cultura europeia o fermento do secularismo que agora a tudo permeia. A principal característica do iluminismo era "livre pensamento", ou seja, a busca do conhecimento apenas por meio da razão humana, livre de quaisquer impedimentos. Embora não seja de nenhuma maneira inevitável que tal busca leve a conclusões não-cristãs e embora a maioria dos pensadores iluministas originais até fosse teísta, o impacto avassalador da mentalidade iluminista é que os intelectuais europeus não consideraram possível o conhecimento teológico. A teologia não é uma fonte de conhecimento genuíno e, portanto, não é *Wissenschaft* ou ciência. Razão e religião estão em desacordo uma com a outra. A imagem do mundo que emerge das ciências genuínas é uma imagem completamente naturalista. A pessoa que segue a busca pela razão com firmeza em direção ao seu fim será ateu ou, na melhor das hipóteses, agnóstica.

Na Europa oriental, o secularismo do iluminismo foi reforçado pela crítica marxista da religião. Embora os europeus orientais tenham se mantido céticos em relação à descrição marxista positiva do homem e da sociedade (é difícil de acreditar nas virtudes da ditadura do proletariado quando você tem de esperar 17 anos para comprar um Trabant miserável), eles ainda aceitaram em grande parte a crítica marxista negativa da crença religiosa, que foi inculcada em gerações de alunos por doutrinadores do estado. Àqueles que se recusaram a aceitá-la era simplesmente negado o ensino superior, o que teve o efeito de aprisionar cristãos na classe inferior, sem instrução formal.

Há muitas correntes contrárias ao racionalismo iluminista no pensamento europeu —pode-se pensar no romantismo, por exemplo—, mas elas não são mais amigáveis com o cristianismo do que com o projeto do iluminismo. Na verdade, elas têm, por vezes, servido para proporcionar uma religião mística, panteísta e natural como alternativa ao teísmo tradicional, no intuito de que os anseios religiosos individuais, que o racionalismo iluminista tendia a tratar com desdém, não ficassem sem resposta.

No cenário atual, o autoproclamado “pós-modernismo” é um movimento desses. O iluminismo é associado à idade moderna, dominada pela ciência e tecnologia, e portanto também é chamado de “modernidade”. O pós-modernismo rejeita a suficiência da razão humana defendida pelo livre pensamento. Isso pode parecer à primeira vista uma evolução bem-vinda para os cristãos, cansados de séculos de ataques por racionalistas iluministas. Mas, neste caso, a cura é pior do que a doença. Os pós-modernistas negam que existam normas de lógica universal, racionalidade e verdade. Esta declaração é incompatível com a ideia cristã de Deus, que, enquanto Criador e Sustentador de todas as coisas, é uma realidade objetiva existente, e que, enquanto ser onisciente, tem uma perspectiva privilegiada sobre o mundo, compreendendo o mundo como ele é na unidade do seu intelecto. Existe, portanto, uma unidade e objetividade na verdade que é incompatível com o pós-modernismo.

Pós-modernistas, assim, muitas vezes veem sua tarefa como implicitamente antiteológica. Por exemplo, o crítico literário Roland Barthes escreveu,

Atribuir um autor a um texto é impor um limite àquele texto, fornecer-lhe um significado final, fechar a escrita... Precisamente desta forma a literatura, por se recusar a conferir... um sentido último a